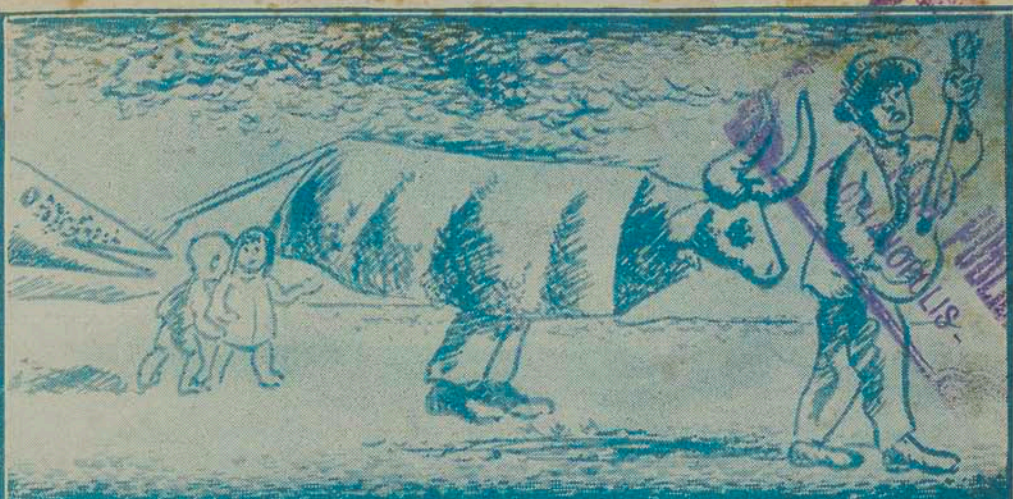

I.B.E.C.C.

Sub-Comissão Catarinense de Folclore

Boletim Trimestral

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Endereço provisório:

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA

Caixa Postal, 206

REDAÇÃO DO BOLETIM:

A/C. de Oswaldo R. Cabral — Secretário Geral

Rua Esteves Júnior, 138

CAPA de Martinho de Haro

LETRAS de Péricles Silva

Impressão da IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

BOLETIM TRIMESTRAL

DA

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

I. B. E. C. C.

BIBLIOTECA PÚBLICA / SC
CATARINA
Clas.: ——
Reg.: 073
Data: 12.06.96

N. 3 | Florianópolis, Março de 1950 | Ano I

NESTE NÚMERO:

Editorial ..... pag. 3

Noticiário ..... pag. 5

Recomendações aos flocloristas do Estado ..... pag. 11

Inquérito sôbre as benzeduras ..... pag. 13

Crendices e superstições
Plácido Gomes ..... pag. 16

Coisas do Planalto
Pe. Alvino Bertoldo Braun ..... pag. 18

Têrmos regionais
Euclides José Felipe ..... pag. 20

Comentários
Custódio F. Campos ..... pag. 24

O Pião
João dos Santos Areão ..... pag. 25

Correspondência ..... pag. 27

Representantes municipais ..... pag. 28

Membros da Comissão ..... pag. 29

É permitida a transcrição de qualquer dos trabalhos contidos neste BOLETIM, desde que citados o Autor e a fonte.

FLORIANOPOLIS -

*

* * AS MANIFESTAÇÕES de aplauso que temos recebido pela publicação do nosso Boletim Trimestral dizem bem que, embora modesto na sua apresentação, o esforço da Sub-Comissão Catarinense de Folclore em publicá-lo vem sendo apreciado pelos que conhecem as dificuldades que as publicações dêsse gênero sempre encontram.

Walter Spalding, pelas colunas da imprensa porto-alegrense referiu-se ao Boletim de maneira a mais lisongeira possivel.: Antônio Viana, Secretário Geral da Sub-Comissão Bahiana, propôs um voto de louvor à Sub-Comissão Catarinense pela sua iniciativa, voto que foi aceito pela unanimidade dos presentes à reunião daquela Sub-Comissão.

Felix Coluccio, de Buenos Aires, em carta que vai publicada noutro local, exprime a sua admiração pelos nossos trabalhos.

São apreciações e definições que muito nos lisongeiam, partindo, como partem, de pessoas e entidades de expressão cultural.

Felizmente, os nossos esforços não foram em vão, tanto que se tornou possivel lançar nosso Boletim impresso depois dos dois primeiros números, impressos em Multilith do Departamento Estadual de Estatística.

Agora, com o prosseguimento dos nossos trabalhos em ritmo crescente, contamos lançar a discoteca do folclore catarinense.

O aparelho de gravação adquirido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, graças ao bom entendimento e cooperação entre a sua Diretoria e a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, vai servir para o registro dos fenomenos folcloricos musicais, do linguajar da nossa gente, etc. o que representa mais um passo à frente no programa das nossas realizações.

Assim, com a explendida cooperação das entidades culturais de Santa Catarina, entre elas incluido o Departamento Estadual de Estatística e a Imprensa Oficial do Estado, que têm sido de uma compreensão rara e de uma boa vontade inexcedível, a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, que não dispõe de recursos materiais de qualquer espécie, sendo de uma pobleza franciscana na mais lata acepção da palavra, vai vitoriosamente prosseguindo no seu labor.

Desejamos que todos tenham êstes fatos como uma vitória de um ideal: trabalhar pelo engrandecimento da nossa terra, sem medir sacrifícios e sem desejos de recompensa.

Faltam-nos verbas para as menores das nossas despesas. Em compensação, sobra-nos boa vontade e entusiasmo e contamos com um suprimento inesgotável de carinho e compreensão de todas as entidades que buscam elevar o panorama cultural de Santa Catarina,

A NOSSA CAPA

Devemos a nossa capa ao pincel do laureado pintor catarinense e nosso confrade Martinho de Haro. As letras são de Pericles Silva, do Departamento de Geografia e Cartografia do Estado. O trabalho de **clicherie**, e do nosso companheiro Doralécio Soares chefe do serviço de gravação da Imprensa Oficial do Estado, onde foi feita também a impressão. Os nossos agradecimentos a todos vão aqui expressos e extensivos aos Srs. Batista Pereira, Diretor da Imprensa Oficial do Estado e ao Sr. Manoel de Paes Faria, Chefe das suas oficinas, a cuja boa-vontade tanto ficamos a dever.

Interesse-se pelo nosso folclore. A Sub-Comissão Catarinense receberá a sua visita com agrado e a sua contribuição com desvanecimento.

"... Folclore não é simples estudo recreativo. É método demo-psicológico de análise do inconsciente das massas".

ARTUR RAMOS
(Folclore Negro no Brasil)

NOTICIÁRIO

APARELHO DE GRAVAÇÃO

O nosso companheiro Dr. Vitor Peluso Junior, regressando dos Estados Unidos da América, trouxe para o Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina o aparelho de gravação em fio, que lhe fôra enconmendado por aquela instituição cultural.

O aparelho servirá á Sub-Comissão Catarinense de Folclore para a captação e registro dos nossos fenomenos folcloricos e, a 25 de janeiro, foi feita a primeira gravação a titulo experimental, nas proximidades do Morro do Antão, tendo sido gravado o conhecido auto popular intitulado "O Boi de Mamão". A experiencia foi coroada do mais completo êxito.

RELATÓRIO DO MINISTRO RENATO DE ALMEIDA

De volta ao Rio de Janeiro, de sua excursão ao sul do paiz, o Sr. Renato de Almeida, Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore apresentou ao Exmo. Sr. Dr. Levi Carneiro, Presidente do I. B. E. C. C. um extenso relatório do que pôde apreciar nos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Foram as seguintes as palavras com que se manifestou a respeito do nosso Estado:

"VISITA A SANTA CATARINA"

Convidado pela Academia Catarinense de Letras, pelo Instituto Histórico e Geográfico de S. Catarina e pela Sub-Comissão Catarinense de Folclore, estive em Florianópolis de 16 a 20 do corrente, em íntimo contacto com os meios intelectuais do Estado. A Sub-Comissão de Folclore, de que é Secretário Geral o Deputado Oswaldo Cabral, historiador e homem de letras, tem orientado os seus trabalhos da melhor forma e disso é testemunho o Boletim Trimestral, que acaba de publicar, sob a égide do Ibecc, em cujas páginas se pode ver as atividades de seus estudiosos em materia de folclore, e folhetos sôbre assuntos de artes populares, com interessantes pesquisas, como o trabalho do jovem folclorista Oswaldo Ferreira de Melo, sôbre

O Boi de Mamão. Pude ainda assistir a uma festa folclórica, em que verifiquei o interêsse com que os alunos das escolas cultivam os nossos folguedos folclóricos. Nessa festa, realizada no Lira Tenis Clube, além de uma exibição do **Boi de Mamão,** variante local Bumba-meu-Boi e considerado o folguedo mais característico do Estado, foram executadas, sob a direção do sr. Crisóstomo de Paiva, **à Dança de Cupido, A Jardineira** e o **Pau de Fita** e, por alunos do Grupo Escolar Lauro Müller, Cirandas infantis e **A Dança do Pésinho,** de origem açoriana e cuja melodia se adaptou a uma roda infantil, que também foi dançada. Por fim, a Orquestra Juvenil de Florianópolis executou a **Rapsódia Catarinense,** sôbre motivos folclóricos, do compositor catarinense Alvaro Souza, orquestrada pelo maestro Emanoel Peluso. Por fim, quero acentuar o plano de trabalhos da Sub-Comissão, em que se incluem pesquisas históricas sôbre a influência açoriana no folclore local. Por outro lado, os jovens escritores e artistas do Club de Arte Moderna estão empenhados em colaborar com os trabalhos da Sub-Comissão.

Nesse ambiente de entusiasmo e de amor às artes e tradições populares, verifiquei o apoio do Departamento Estadual de Estatística do IBGE, cujo Diretor Geral, dr. Roberto Lacerda, membro da Sub-Comissão, tem sido um elemento do mais apreciável valor das realizações dessa entidade, tendo também o Govêrno do Estado me prometido facultar os meios de pesquisa dos folcloristas no interior do Estado. A Sub-Comissão já tem encomendada uma máquina de gravação nos Estados-Unidos.

Vê assim V. Ex. o aspecto altamente confortador dos trabalhos da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, graças aos esforços infatigáveis do Dr. Oswaldo Cabral e seus distintos companheiros.

Realizei nesse Estado duas conferências, além de palestras no Instituto de Educação e uma Mesa Redonda com o Clube de Arte Moderna, em que fui sempre honrado com auditórias numerosos e a presença de figuras do maior relevo no Estado, inclusive o Senhor Governador".

APLAUSOS

A Sub-Comissão Catarinense de Folclore do ilustre folclorista argentino Sr. Félix Coluccio as seguintes missivas, que atestam de maneira eloquente a mais exata compreensão dos esforços que ela vem empregando no sentido de recolher os documentos folcloricos catarinenses:

"Buenos Aires, 2 de enero de 1950, Año del Libertador General San Martin. Señor Oswaldo R. Cabral — Santa Catalina — Brasil.

Distinguido señor: Mi ilustre amigo, el Dr. Renato Almeida, ha tenido la fineza de enviarme el Boletin Trimestral de esa sub co-

misión de folclore. Sinceramente quedo admirado como dentro de un marco de sencillez y modestia, trabajan Uds, tan eficazmente por el adelanto del folclore brasilero, y con ello desde luego aportan un concurso muy valioso al desenvolvimento y conocimiento integral del folclore americano, que en estos momentos, gracias al esfuerzo de tantos estudiosos parece que ha despertado de un largo letargo, y despierta con una vitalidad asombrosa, encadenando a los hombres del continente en un abrazo sincero y fraternal. Yo quiero hacerles llegar mis sinceras felicitaciones por la publicación que han editado y decirles que la labor es magnifica, y que con todo interés la seguiremos por quanto ella nos interessa sobremanera.

..... Desearia seguir recibiendo el Boletin, y por ello le solicito quiera suscribirme al mismo, indicandome el importa a remitir. Presente mis respetos a sus compañeros de sub comissión y le ruego quiera considerarme su amigo indefectiblemente a sus gratas ordens. — Sin más, le saluda muy cordialmente (ass.) Felix Coluccio".

Em outra carta, datada de 20 de Janeiro, do mesmo folclorista e escritor argentino, chega-nos a notícia de que do nosso Boletim foram transcritos artigos originais no Dicionário Folclorico Argentino, de sua autoria. É o seguinte o trecho da carta:

"Debo decirle que bajo el nº 1455 de la bibliografia de mi Diccionário Folklorico Argentino comparado, incluyo el trabajo "As superstições pelos municípios catarinenses", aparecido en el Boletin de ustedes, como podrá comprobarlo dentro de poco quando aparezca el libro. Es un trabajo muy interesante y tiene vários puntos de contacto com nuestras supersticiones" — O referido trabalho, que se encontra no 1º número do nosso Boletim apareceu como valiosa contribuição do Departamento Estadual de Estatistica.

Cantigas, rezas, benzeduras, quadrinhas, adágios, usos, costumes;

Gravuras, fotografias, objetos de arte popular;

Rendas, louças de barro, figuras, etc... Tudo isto nos interessa.

Comunique-se com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore, contribuindo para a organização do nosso Museu Folclórico.

A SUB COMISSÃO BAHIANA TAMBÉM APLAUDE

Do ilustre sr. Dr. Antonio Viana, Secretário Geral da Sub-Comissão de Folclore recebeu a Sub Comissão o seguinte oficio, que muito nos desvanece e que agradecemos:

"Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
(Orgão Brasileiro da Unesco)

Comissão Nacional de Folclore

SUB-COMISSÃO BAHIANA DE FOLCLORE

Salvador, 17 de janeiro de 1950.

Ilustre confrade Dr. Oswaldo R. Cabral.

Cordiais saudações.

Tenho a satisfação de comunicar-lhe que em sua última reunião a Sub-Comissão Bahiana de Folclore aprovou por proposta do infrafirmado um voto de aplauso fervoroso pela feliz iniciativa da Sub-Comissão Catarinense de Folclore consubstanciada no bem elaborado boletim cujos 2 primeiros números tive o prazer de apresentar aos meus companheiros, alguns dos quais já o haviam recebido.

Congratulando-me com V. Excia. por mais êsse passo no interêsse da propagação dos estudos folcloricos despertando maior atividade nas pesquizas de tudo quanto diga respeito ao assunto, espero poder continuar a receber mostras que tais, fiadores dos esforços sempre crescentes da operosidade da entidade Santacatarinense.

Do confrade, amigo e admirador,

(ass.) **Antônio Viana**
Secretário Geral

A OPINIÃO DE WALTER SPALDING

O ilustre e erudito historiador Walter Saplding, uma das mais robustas formações culturais do Rio Grande do Sul, que foi nosso hóspede em 1948, por ocasião do 1º Congresso Catarinense de História, e que deixou nesta Capital as mais sólidas amizades, assim se expressou a respeito do nosso BOLETIM, pelas colunas do "JORNAL DO DIA, de Porto Alegre:

"NÓTULAS BIBLIOGRÁFICAS

Especial para JORNAL DO DIA, por Walter Spalding

Por ocasião do 1º Congresso de História de Santa Catarina, realizado em Florianópolis, de 5 a 12 de outubro de 1948, tivemos a felicidade de assistir e subscrever com outros amigos e companheiros a fundação da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, do IBEEC, como parte da Unesco no Brasil. — Santa Catarina é riquissima em seu folclore, mas, infelizmente, até pouco, salvo trabalho hoje muito raro, de Crispim Mira e um ou outro ensáio avulso em jornais e revistas, nada, praticamente, se conhecia. Com a fundação da Sub-Comissão Catarinense de Folclore, entregue em momento feliz à direção do dinâmico historiador e sociólogo dr. Oswaldo R. Cabral, novos horizontes viu surgir a ciência folclorica em Santa Catarina. Provam-no as publicações que acaba de fazer essa Sub-Comissão, uma das últimas a ser criada e a primeira que se apresenta no Brasil com publicação própria. De verdade, embora de apresentação modesta, o 52 — BOLETIM TRIMESTRAL da Sub-Comissão Catarinense de Folclore (Nº 1 — setembro de 1949 — Ano I) é de enorme alcance e sua iniciativa é de orgulhar a quantos se dedicam aos estudos folcloricos. E, com isso, o louvor á Sub-Comissão Catarinense se impõe, como pioneira das publicações dêsse genero no Brasil. Entretanto, é preciso que se diga e se proclame que a Sub-Comissão Catarinense somente conseguiu levar avante seu sonho publicando o presente Boletim, graças á inteligência e visão patriotica do sr. Diretor Geral do Departamento Estadual de Estatistica de Santa Catarina, dr. Roberto Lacerda, que indo ao encontro do dr. Oswaldo Cabral e demais dignos componentes da Sub-Comissão Catarinense, pôs á disposição da mesma a secção de publicidade do D.E.E. prontificando-se, ainda, a colaborar com a Sub-Comissão não só fazendo inqueritos folcloricos, como também mandando imprimir outros trabalhos avulsos. O Nº 1 do Boletim Trimestral, alem de informações e resumo dos trabalhos desde a fundação, insere em suas páginas ensáios e notas do dr. Oswaldo Cabral, Hildegardes C. Viana, O.F. de Melo, Walter F. Piazza, Almiro Caldeira e mais "As superstições pelos Municípios Catarinenses" resultado este, dis primeiros inquéritos mandados fazer pelo sr. Diretor Geral do D.E.E., dr. Roberto Lacerda, em Caçador e Biguaçú. Oxalá outros tomem tão nobre e alevantada iniciativa permitindo que outras Sub-Comissões consigam, também, fazer suas publicações meritórias e patrióticas

A PREFEITURA DE FLORIANÓPOLIS AUXILIA A SUB-COMISSÃO DE FOLCLORE

Tendo o Secretário Geral da Sub-Comissão Catarinense de Folclore dirigido um apêlo ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal de Florianópolis, no sentido de auxiliar monetariamente a mesma Sub-Comissão, facilitando-lhe os trabalhos que obrigam a despezas certas e inevitáveis, vem o chefe do Executivo Municipal desta Capital de lhe conceder um auxilio mensal.

Registramos o fato com a maior simpatia e deixamos consignados os agradecimentos da Sub-Comissão ao Exmo. Sr. Prefeito Municipal.

O BOI DE MAMÃO, DE OSWALDO F. de MELO E A OPINIÃO DE WALTER SPALDING

Sobre a monografia "O Boi de Mamão no Folclore Catarinense", de autoria do nosso confrade Oswaldo Ferreira de Melo, publicada na Séria C do Departamento Estadual de Estatistica, referiu-se Walter Spalding, em as Nótulas Bibliogáficas do "JORNAL DO DIA", de Porto-Alegre, da seguinte maneira:

"O Departamento Estadual de Estatistica do Estado de Santa Catarina, possui duas séries A e B — de publicações oficiais. Criou mais outra, a série C, consagrada de modo especial a trabalhos sobre folclore, estudos feitos pelos membros da Sub-Comissão catarinense de Folclore e outros, aumentando, dessarte, o D.E.E. e seu digno Diretor Geral, sua benemerência para com o folclore nacional. O primeiro número dessa nova série C do D.E.E. de Santa Catarina é o estudo do sr. Oswaldo Ferreira de Melo,

53 — O BOI DE MAMÃO NO FOLCLORE CATARINENSE, curiosa diversão popular que tivemos ocasião de assistir nas festas do bicentenário da colonização açoriana e I Congresso de História Catarinense. O trabalho do sr. Oswaldo F. de Melo, belamente com desenhos a côres, descreve essa tradição do Boi de Mamão, com todas as suas figuras, dansas e cantos, inclusive a parte curiosa em que aparece a BERNUNCIA, "Bernunça", ou "Brenunça", animal fabuloso, reminiscência ou "encarnação" do lendário e portuguesissimo "Bicho Papão" de que nos fala o sr. Carlos M. Santos, em "Trovas e Bailados da Ilha da Madeira", e que, no nordeste brasileiro, é conhecido também por "coca" ou "cuca". Trabalho de mérito extraordinário, digno dos maiores encômios, é êsse que o D.E.E., seu Digno Diretor Geral e o ilustrado Govêrno do Estado de Santa Catarina em benemérita colaboração com a Sub-Comissão Catarinense de Folclore divulgam para o Brasil inteiro. Com estas publicações, Santa

Catarina forma na Vanguarda dos Estados Brasileiros, dando exemplo de notável compreensão do valor dos estudos folcloricos.

Oxalá a politica, sempre madrasta das grandes iniciativas, não destrua com a sua salientissima intervenção, tão nobres emprendimentos, verdadeira gloria para Santa Catarina e seus ilustres abnegados e estudiosos filhos".

RECOMENDAÇÕES AOS FOLCLORISTAS DO ESTADO

Com o nosso segundo número, divulgado em janeiro e correspondente ao mês de dezembro de 1949, foi distribuido aos folcloristas do Estado a seguinte circular:

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Caixa Postal — 206

C I R C U L A R N. 1

Florianópolis, 27 de dezembro de 1950.

Prezado Confrade:

Inumeras têm sido, da parte dos nossos correspondentes, as solicitações feitas a esta Sub-Comissão, a respeito de como poderão eficazmente cooperar com os seus trabalhos, quais os limites e objetos dos seus estudos.

O folclore é a manifestação da alma e da cultura do povo. Vasto, portanto, o seu campo de ação e extensa a amplitude das suas atividades. Assim, preocupa-nos o registo de todas as manifestações da atividade da nossa gente quaisquer que elas sejam.

Assim, por exemplo, o recolhimento, o registo, a fixação de:

a) rifões, adágios, provérbios usados;

b) rezas, benzeduras, etc...;

c) alcunhas usadas;

d) modinhas, quadrinhas e versos populares, com a respectiva música; desafios etc.; corações e pão-por Deus, etc.;

e) festas religiosas típicas e a maneira por que se processam, como as de Natal, Reis, Espírito Santo, São João e outras;

f) autos e folganças populares como: boi de mamão, barrobalho, paus de fita, jardineiras, pais-paulos, pésinho e outras danças; boi na vara, boi na corda, etc.;

g) rondas infantís, canções de ninar, etc.;

h) superstições, crenças, temores, etc.;

) brinquedos e brincadeiras infantís;

j) rendas, bordados, etc.;

Na vida do nosso povo podem ser observados:

a) utensílios caseiros típicos;

b) instrumentos do trabalho: redes de pesca, outros instrumentos, com o nome de cada parte deles, instrumentos de caça, etc., laços, bolandeiras, etc.;

c) vestuário típico, suas partes e sua denominação usual;

d) seu passado: pratos de comida, iguarias usuais, maneira de prepará-los, temperá-los e comê-los.

e) objetos de adorno das casas ;

f) animais e maneira de tê-los, de arreiá-los, de empregá-los no serviço doméstico;

g) vocabulário próprio: — denominações dos objetos, etc.

Como vê o prezado confrade, largo é o campo para as pesquisas.

Estas devem ser feitas pacientemente, com vagar e tempo, observando com método, inquerindo e perguntando com habilidade e concluindo com cautela.

O trabalho, muitas vêzes, deve ser feito por equipe, isto é, distribuido entre dois ou três elementos interessados na observação do mesmo fenômeno e depois confrontado anuladas as dúvidas.

A Sub-Comissão Catarinense de Folclore, parte integrante da C. N. F. L., órgão do IBEEC, portanto da Unesco, recebe as comunicações, estuda-as, critica-as, pede esclarecimentos e por fim as seleciona e publica no seu Boletim Trimestral.

Documentação fotográfica, músicas etc. serão elementos de alta valia. As obras de arte popular, bonequinhos e esculturas de barro, louça própria da região, etc... também são peças documentais de muito valor e aceitas com grande estima.

O Boletim Trimestral será enviado a todos os correspondentes e a Comissão dispõe de um aparelho de gravação destinado a gravar certas músicas, cantos e folganças, desde que haja no local energia elétrica.

Assim, esperamos do confrade a sua melhor boa vontade no colher o material e aproveitamos a oportunidade para enviar-lhe o 2º número do nosso Boletim Trimestral, acompanhado de um extrato da ata da penúltima sessão da Sub-Comissão, na qual o ilustre Presidente da Comissão Nacional de Folclore, Ministro Renato Almeida, traçou com exatidão as linhas mestras das nossas atividades.

Aproveitamos a oportunidade para saudar o ilustre confrade, estando aqui para serví-lo, com o mesmo interêsse que nos anima a pedir a sua colaboração.

Oswaldo R. Cabral
Secretário-Geral

INQUÉRITO

O Departamento Estadual de Estatística acaba de lançar o seu terceiro inquérito sôbre assuntos folcloricos. O primeiro foi sôbre as crendices e superstições; o segundo, sôbre o adagiário; e agora, o terceiro, sôbre as benzeduras. Aos correspondentes da Sub-Comissão Catarinense de Folclore e aos agentes de estatística do interior do Estado foi dirigido o seguinte formulário:

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA

Estado de Santa Catarina

Município de: .....

INQUÉRITO DEMOLÓGICO

Rezas e Benzeduras

Lançando êste questionário, o DEE pretende conseguir dados suficientes para estudar um aspecto sociológico catarinense.

As crendices, comuns a todos os povos e a tôdas as terras, tomam no Brasil formas "sui generis", cuja coleta requer do pesquizador a abstração de seus sentimentos religiosos, a fim de que seja executada da maneira mais exata e mais criteriosa possível.

Responda nos espaços em branco às questões aqui formuladas:

1 — Conhe-se na região algum benzedor ou benzedeira? Em caso afirmativo, contra que males êle (ou ela) benze?

2 — Há casos interessantes, relacionados com benzedores locais?

3 — Conhecem-se benzeduras contra:

a) — Bicheira de animais?

b) — Engasgo de animais?

c) — Quebranto?

d) — Mau olhado?

e) — Erizipela? (Também é conhecida por **Zipra**)

f) — Hernias (Também conhecidas por quebraduras, rendiduras)?

g) — Animais ferozes?

h) — Mordeduras de cobra, ou para afugentar cobras?

i) — Azia?

j) — Inguas?

k) — Cobreiros e empingens?

l) — Carne quebrada e nervo torto?
m) — Cisco nos olhos?
n) — Contra inimigos, facadas, balas, etc...?
o) — Sapinho na boca das creanças?

4 — Reproduzir, com a máxima fidelidade possível, outras rezas proferidas por benzedores.

5 — São conhecidas na região algumas destas rezas ou variantes?

Contra a erizipela:

— Pedro Paulo vinha de Roma e encontrou com Josus Cristo e Jesus Cristo perguntou:

— "Donde vens, Pedro Paulo?
— "Senhor, venho de Roma.
— "Que novas há por lá, Pedro Paulo?
— "Que morre muita gente, Senhor.
— De que se morre por lá, Pedro Paulo?
De zipra, zipelão, dor de cabeça, fogo selvagem.
— Torna atraz, Pedro Paulo e vai curar a zipra, zipelão dor de cabeça e fogo selvagem.
— Com o que, Senhor?
— Com as 9 lãs do carneiro preto, azeite doce e oleo de Santa Silveira
Com isto curarás, em nome de Deus e da Virgem Maria.
Amem.

Contra a azia:
Santa Sofia
Azia,
Uma fiava,
Outra tecia,
Outra benzia
De azia,
Em nome de Deus,
E da Virgem Maria.

Outra:
Azia,
Azéda,
Levanta-te bobo,
De cima desta pedra.
Bobo foste, bobo ficaste;
Levanta-te bobo,
Que tu já saraste.

Corpo extranho no ôlho:
Santa Luzia
Passou por aqui,
Com o seu cavalinho,
Comendo capim.

INSTRUÇÕES

1 — Não deve V. S. confundir o benzedor com o macumbeiro. Êste faz **despachos** e dá-se à prática da magia negra; o benzedor apenas reza e, por meio das suas rezas, cura (!)

2 — Lembre-se de que êste serviço não será aproveitado por outras pessoas sem que o seu nome seja citado como colaborador e pesquizador. O seu trabalho terá a recompensa de uma citação nominal naquele que será executado com os informes vindos de todo o Estado.

3 — Queira dizer se são conhecidas; Quais são as palavras que o benzedor profere, isto é, qual é a reza que profere; Com o que reza ou benze? — Com um crucifixo, com um galho de arruda, com um dente de tigre, com uma figa, com o que, afinal? O que passa? — Saliva, azeite, tinta?

4 — Chama-se a atenção do pesquizador para o fato dos benzedores, quer sejam homens ou mulheres, serem bastante reservados.

É preciso **geito** e tempo para se conseguir que informem o que se lhes pede e digam as palavras da sua reza. O pesquizador deve contar casos e citar-lhe palavras e rezas que conheça, para o que enviamos, em anexo, cópias das que já possuimos. Dizer-lhes que é para estudos. É conveniente contar casos que ouviu de curas do próprio benzedor, para que o mesmo, lisongeado, conte seus sucessos e diga as suas rezas. Assegure que nada dirá a quem quer que seja, no local que os estudos serão feitos na Capital e que o seu nome não aparecerá. Enfim, busque, com paciência e espírito cientifico, captar a simpatia da pessoa inquerida e assim se torne capaz de obter as informações.

CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

Dr. Placido Gomes

Investigadores do folclore não se satisfazem, com a retratação do aspecto social ou poético das tradições populares. Por exigências históricas e filosoficas, eles se aprofundam nos habitos, dos povos, suas crendices e superstições por mais estravagantes que pareçam.

Joinvile como todas as sociedades humanas, também tem sido as suas crendices e superstições, que embóra não lhe sendo originais nem privativas, merecem ser aqui mencionadas para complemento destas nótas.

"O máo olhado" é ainda crendice de muitos espiritos comumente esclarecidos. "Máo olhado" que reséca plantas viçosas, que mata pintos novos, que amesquinha crianças robustas, etc:

"O máo olhado" não seria sempre intencional, ás vezes inconsciente, atributo maligno de individuos, que o possuem sem o saber.

Daí o motivo de se pendurar um laço vermelho na gaiola de passarinhos, um chifre em jardim com flôres, ou uma figa ao pescoço ou pulso de uma criança, objetos que teriam a força de impedir a ação do máo olhado.

Do mesmo efeito é "o quebranto", quasi sinonimo do anterior, mas agora, em vez do olhar, podendo ser causado pela palavra, pelo elogio de boa fé. Fulano, por cortezia, elogiou a saúde de sicrano em sua presença, ou os seus negócios, ou a sua felicidade, e desde então o elogiado adoeceu, foi-se mal de seu comércio ou perdeu a paz de seu espírito.

Menos vulgarisado é o temor do nr. 13 ou de se entrar com o pé esquerdo neste ou naquele lugar de antemão preconcebido.

Estas últimas, como pequenas outras cismas, são confessadas por quem as possue, e talvez por isto consideradas elegantes.

De ordem oculta ou semi-oculta são as praticas profissionais das "tiradeiras de sorte" para descobertas do futuro. Tem havido "fraus" notáveis neste exercício. Conhecem-se uma e outra que se acomodaram fartamente no ofício das cartas.

"As benzeduras" para certas molestias têm subsistido através do tempo. Benzia-se muito contra "espinhéla caida", contra "máo olhado", contra "sol na cabeça", e nos sitios contra as bicheiras dos animais.

Atualmente continua-se a fazer largo emprego das benzeduras para curar molestias das criancinhas, eczemas chamados cobreiros, e torsões musculares, ao que se diz "mandar costurar as rasgaduras". A cerimonia é habitualmente desempenhada por mulher sabida nesses segredos, por meio de orações cabalisticas e raminhos de arruda, em face do paciente.

"A praga" era uma imprecação, odienta soltada por gente inculta, em discordias e rixas impulsivas, tal como "o raio te parta" do português e de que os nacionais faziam uso em termos diversos.

Mas a "praga" temida por todos, vinha da intencional, preparada às ocultas da vítima e posta em prática por profissionais da feitiçaria, restos da escravatura, conhecidos ou suspeitados do vulgo. Tomava a feição de sortilégio, a portas fechadas, de conluio a praguejadeira com o seu cliente, arrumando-se as coisas de modo que a maldição caisse de cheio na cabeça do outro.

O praguejado não sabia da trama, mas se lhe acontecia um mal, de motivo suspeito, recorria êle a mesma macumba para desfazer a praga de que julgava sofrer. A êste meio de defesa se chamava de esconjuro.

Pessoalmente também valia proferir "eu te esconjuro" para afastar almas penadas, fantasmas noturnos e grasnar de corujas a deshoras, contra as quais se atinava ainda o esconjuro pitoresco do "vae-te para as areias gordas", alusão às terras dos cemitérios.

Das baixas superstições e do mesmo ambito provinha a crença nos lobis-homens, que eram certos infelizes estropiados, que à noite, deixavam suas moradas, em figura de canzarrões fantasticos. Nas mulas sem cabeça, transformações de adulteras sacrilegas, às correrias sem rumo, no escuro dos campos, em expurgo de seus pecados.

Nas bruxas escaveiradas, certas velhas mirradas de fome, que em batendo meia noite, voavam sequiosas a chupar o sangue de recem-nascidos.

Era uma turma pavorosa de duendes noturnos, que se recolhiam às suas casas, só pela madrugada, ao cantar do galo, para se desencantarem de suas "sinas" malditas.

(Transcrito de "A Noticia")

COISAS DO PLANALTO

Pe. Alvino Bertoldo Braun, S. J.

Muitos são os atrativos do Planalto. No verão o seu clima, mais primaveril que outonal; os saborosos frutos que então maduram; os descampados, verdes com o capim alto e saboroso a florescer; a Costa da Serra, como aí é chamada, com seus peráus. suas perambeiras, seus precipícios, seus taimbés que muitas vezes passam de centenares de metros, a Costa da Serra com a cerração e tambem com o seu panorama que se estende até ao mar, que ao longe, bem longe parece u mreadilhado níveo a se perder em tenue fumaça branca! A Costa da Serra com o seu homem: que arrosta as nevadas do inverno e as geadas de Dezembro e de Fevereiro, o homem da Serra que se conforma em perder pelas geadas tardias os frutos de seus pomares e as colheitas de seu solo; sua Fé é da antiga têmpera; o que Deus tira por um lado, dá pelo outro! O homem da Serra, que enfrenta a vastidão dos campos a campeirar uma rez perdida, que, na sua calma multisecular, espera pelo tempo: Não tem estradas, vai pelos cruzos; não tem automoveis, vai a cavalo; não tem caminhões, vai no cargueiro, o que ele tem sempre, é TEMPO. É forte, sadio, hospitaleiro, reto, trabalhador, audaz, lembrando os bem velhos tipos do bandeirante paulista e do gaucho peleador!

O Planalto constitue uma região toda diferente da praia: os produtos são o pinheiro, a batata inglesa, o gado, o queijo, os frutos dos ricos pomares; a alimentação não conhece o aipim, nem a batata doce, nem os frutos da praia. Diàriamente vem à mesa o churrasco. Mas não é o churrasco do espeto, não, é uma carne preparada à semelhança do xarque, mas com menos sal e menos demora na salmoura. Depois de um dia de salmoura fraca; é levada ao secador, geralmente na horta, perto da cosinha, e aí ela fica exposta ao sol, à chuva, à neve, ao sereno, enfim ao tempo. Quando a cozinheira necessita duma posta de carne, vai cortá-la das mantas aí expostas! E como é saborosa esta carne, tipo churrasco! Há verdadeiros técnicos na arte de preparar churrasco...

Cousa que me chamou a atenção de modo peculiar foi o linguajar desta gente. O sacerdote, mais que ninguem, entra em contato com todos os elementos da sociedade, com todas as idades, e assim auculta a alma do povo em todas as suas vibrações.

A linguagem é de um castiço português, e no dizer do Revmo. Sr. Vigário, é no planalto de São Joaquim que melhor se conservou a pureza da lingua portugueza. Aí só se fala português e não houve contato com os fatores que adulteram tão facilmente a pureza da lingua.

Vão aí uns regionalismos encontrados: andano por andando e assim, deixando no participio presente o "d", falam invariavelmente, ao menos o povo de côr: andano, chamano, etc.

Outra particularidade é o "T" chiado.

Em vez do **tinha** dizem **txinha**; em vez de **tio** dizem **txio** etc.

Tomei tambem nota de uma série de palavras que os nossos dicionários não registam. Damos a seguir algumas dessas palavras:

1. — Caiuvá, cajuvá: espécie de pinhão que amadurece em Setembro.

2. — Pinhão macaco: espécie de pinhão que amadurece em Dezembro.

Este pinhão é de coloração amarelada, de gôsto adocicado, a casca tem malhas brancas na ponta, e a madeira, conforme afirmam os serradores, é mais dura que a dos outros pinheiros. Deve ser uma variedade biológica do pinheiro comum.

3. — Camargo. Bebida serrana. Café muito forte, bem quente, com ou sem açucar, dentro do qual se ordenha leite gordo, o apojo, depois de ter apojado o terneiro.

4. — Bijajica: Bolinho, tipo rosca, feito de polvilho, ovos, açucar, tudo frito em banha.

5. — Canguaxí, anxí: casa de vespas melíferas. O canguaxí difere da lecheguana por ter aquela pontas na casa, e se fixar em troncos de árvores ou paredões, ao passo que a lecheguana é lisa e se constroe nos capins e gramados.

6. — Caxé: O caxé é a sobrecasca dos pinheiros velhos. É muito duro e impregnado de abundante resina constituindo ótimo combustivel.

7. — Jaguara: cães ordinários.

8. — Chuspa: Bolsinha de borracha para guardar o fumo picado.

9. — Macoromba, maromba: Cigarro de palha muito grande que costumam fumar nos rodeios.

10. — Guariba: pelego grande e vermelho. Aliás guariba designa o nosso bugio.

11. — Meco: Poncho de lã branca que usam no inverno.

12: — Vicunha: Poncho leve que usam no verão.

13: — Empacotado: Comida. Pedaços de queijo são empacotados numa massa de farinha, ovos etc e ao depois fritos em banha.

14. — Maloca de porcos: vara, piara de porcos.

15. — Cruzo: difere da expressão cruzo dos dicionários. Cruzo indica vereda, carreiro, trilho que vai pelos campos. Emcruzo é o cruzamento de dois cruzos.

Nas seguintes idas à Serra pretendo coletar mais abundante material.

TÊRMOS REGIONAIS

(Para o futuro dicionário de têrmos Regionais, em Santa Catarina)

Euclides J. Felipe (Curitibanos)

N. B. — Não obedece ordem alfabética.

.....

SURURUCAR — Fujir, entocar, esconder-se entre folhas do mato.
BAXÁ OS CRUMÍO — CURUMIO — Mastigar com pressa.
CURUMÍO — dentes caninos dos equinos e muares.
CISCADO — assustado, desconfiado.
BACHÀ O TÔSO — corcovear (os equinos).
AMUNTAR NUM PORCO — decepção.
LADO DE LAÇÀ — Lado direito dos animais.
LADO DE MUNTÀ — Lado esquerdo dos animais. Quando querem designar o lado direito ou esquerdo, mesmo de um suino, empregam êsses têrmos porque é incompatível com a dignidade humana, dizer; lados direito ou esquerdo, de simples animais. (O bicho é bruto e não é bautizado) ou ainda: "**(Não cumparano...** fulano de tar esperneáva quenêim um turuno mal sangrado").
LEGÁR ou LIGÁR — ametade do couro cru de uma rez, que se prende por cima das "bruacas" e "sobre-cargas", com o fim de resguardá-las das intempéries.
BRUÁCA — Mala ou espécie de saco de couro crú, que se prende à cangalha.
SOBRE-CARGA — carga adicional, colocada sôbre as bruacas.
ARRIÁTA — Tira de couro crú, de 5 a 6 m. de compr. por 2 centímetros de largura, que liga e afirma os cargueiros.
TRÂNCA-FIO — Tira de couro crú, de 2 m. de compr. por meio centímetro de larg. preso a parte posterior da cangalha, que serve para prender e afirmar a "arriáta".
DESMAMADO SEM TABULÊTA — despreendido, independente.
CABORTÊRO — velhaco, sagaz.
CONHECÊ O MACHO — reconhecer alguém superior.
ACENDER UM CRIÔLO — acender um cigarro feito com fumo de plantação propria.
ÈGUA MADRINHA — égua que guia a tropa de animais nas estradas.
ARAGÃNA — esperto, inteligente.
SAMÔNGO — tolo.
VASQUÊRO — espécie dificil de ser encontrada.

PINHEIRO DE FILHO — pinheiro cujos galhos ou brotos tomam nova copada.

PIJÙCA — madeira deteriorada.

TROCAR AS ORELHAS — desconfiar e precaver-se.

SERELÉPE — esquilo. (fig) pessoa vivaz, ativa e esperta.

ENTENDIDO — prático em benzeduras e medicina caseira.

INTENDENTE — parteira que tambem possue segredos de "simpatías".

PRÈSTIO — préstimo.

FESTAR — dar à luz.

BELISCADO DE GRALHA — experimentado, precavido, "Gato escaldado"...

RIVALIDADE — dificuldades, doenças e maus bocados.

PASSAR NO PESCOÇO — comer.

ENGRACHAR O GOGÒ — idem

FIGUEIRA — verruga.

RAMADA — telheiro, estrebaría.

LOICÈNÇO — furunculo.

LAMBEDÊRA — faca afiada. Especie de capim muito rustico, que tem uma especie de lixa nas folhas. O gado não a come e corta como navalha.

LAMBEDOZÀ — local em que a "lambedêra" se desemvolve.

CAÌNHO — ávaro

MANÊRO — MANERINHO — de facil manejo.

AGEITADO — idem

CHÓTO — facão.

BOLEAR-SE — jogar-se ao cão ou para um lado.

RAPARIGA — meretriz.

ANIMAL BOLEADOR — Que se joga ao cão, apenas vê-se selado ou montado.

TOPAR — encontrar, achar, ou aceitar uma proposta.

TROPÈ — barulho.

ABORRIDO — Tristonho, aborrecido.

RÊCHA — Inimizade.

ISTO É O DIACHO; MAS NÃO HA DE SÊ NADA!... interjeição. Traduz dificuldades superaveis. Certo otimismo.

MINHOCÃO — (Lendario) Monstro da forma de uma gigantesca minhoca, que acreditam viver no sub-solo, cuja vida é animada pelas almas de pagãos. Pessoas que VIRAM o "minhocão", afirmam que o mesmo tem o comprimento e grossura de um pinheiro e que deixa no solo um sulco muito profundo à sua passagem.

BRAÇA — Alem de ser uma unidade métrica (2,20 m) ainda muito em uso, tambem é empregada para "medir horas"; Para darem uma idéia do momento a que se referem, si for antes de meio-

dia, dizem que o sol está à tantas braças, fóra; e si for depois de meio-dia, o sol estará, ou melhor, faltarão tantas braças para o sol entrar. Tem-se a impressão que a braça equivale à uma hora.

NÃO QUE SIM!... — Interjeição. É igual á PUCHA!..

ALARÍFA — esperto para negocios — alacridade nas ações.

VENTÂNA — vivo, ativo, espirituoso e certa dóse de má fé.

ASPA-FURADA — idem.

VENTA-FURADA — idem.

PASSADO — idem.

PASSAR UM CACHORRO — enganar.

FARRA — bebedeira.

FARRISTA — beberrão.

CAIÇARA — mau genio, demônio.

ARAGANO — ativo, esperto.

SOLÀIS — encósta de uma colina.

PRANCHA DE MORRO — encósta.

PRANCHA DE TOICINHO — pedaço de toucinho em maiores proporções.

COMEÇANDO A TORCER O BIGODE — passar para o estado adulto.

COBERTOR DE ORELHA — amante.

QUEM HERDA NÃO ROBA — "Tal pae, qual filho".

SE ARRENEGAR — aborrecer-se, ficar contrariado.

TACO — valente, bem disposto.

CUÈRA — idem.

ARRETOÇAR — provocar disturbios e rixas.

GARRÃO — calcanhar.

GARRÃO MOLE — cançado, desalentado.

ZUNHAR — arranhar.

CAMBUÍNA — velhaco.

BANCUE — padióla (pronuncie-se o U).

CHURRIO — desenteria (fig.) muita sorte.

FIO — filho. (pronuncie-se com si houveram dois ii).

FIINHO — filhinho.

ARÇADO — silvestre, rustico. (diz-se dos animaes domésticos que se tornam sedvagens).

OREIÂNO — Sem marca.

BAGUAR — Reprodutor equino. (fig) selvagem. Também quando querem se referir à qualquer cousa completa. Sorte baguar, etc.

TAQUARÌ — espinguarda de um só cano, carregada pela boca.

PICA-PAU — idem. Pode ser de dois canos.

DENTE DE OURO — idem, idem.

PAI-VÈIO — O indivíduo que se dizia a reincarnação de S. João

Maria de Agostinho, ou melhor, o S. João ressussitado, no início do fanatismo do Contestado. Muitos jagunços PRESENCIARAM o fenomeno da ressurreição, que se efetuou do interior de uma grande pedra e o famigerado Deodato ficou sendo CHEFRE, por ter sido o primeiro a ser abençoado pelo PAI-VÈIO, no momento em que a pedra rachou pelo meio. Houve festas, cavalgatas, fogos e procissões. Todos os crentes tinham a obrigação de pedir-lhe que lhes PONHASSE a benção, pelo menos uma vez ao dia, quando permaneciam no reduto. Anos depois, antes de morrer, presentindo que a hora lhe era chegada, mandou que os "Pelados" se formassem em fileiras e, carregado por quatro jagunços em um BANGUÊ, passou abençoando um por um, e todos os presentes, incutindo-lhes o máximo de fé e coragem, pela CAUSA SANTA que combatiam. Em seguida morreu cercado de todos os cuidados e suas roupas e objetos de uso particular, constituiram os mais preciosos amuletos e reliquias, que o povo SANTO, sempre guardou com respeito e veneração.

Dizem que ainda hoje, às escondida, seu tumulo recebe visitas de velhos admiradores, porem mui raramente. Existem opiniões que se contradizem, quando ao local da sepultura: Uns dizem que essa se encontra no Caraguatá em outros, na serra de Santa Maria.

* *

COMENTÁRIO SÔBRE A COMUNICAÇÃO ANTERIOR

Custódio F. Campos

O Sr. Euclides J. eFlippe, por intermédio do Departamento Estadual de Estatística, apresentou à Sub-comissão de Folklore de Santa Catarina, uma coletanea com 87 técnicos regionais colhidos em Curitibanos. O assunto sôbre o qual versa a comunicação do sr. Felippe é o mesmo ventilado no trabalho Falares Catarinenses de nossa autoria e que logrou aprovação no Primeiro Congresso de História Catarinense, merecendo ser relatado pelo eminente filologo de Coimbra Paiva Boleo. Foi precisamente em Curitibanos, em 1918 quando exerciamos as funções de coletor estadual que começamos as nossas anotações posteriormente completadas em Lajes, C. Novos, Joaçaba, Chapecó, etc.

Assim, as observações do sr. Felipe, em parte corroboram as nossas, por isso que a maioria do seu vocabulário consta dos Falares Catarinenses".

Confrontando ambos os trabalhos chegamos as seguintes conclusões:

A não ser um certo exagero no registro de algumas corruptelas; v. gr., "arriata" em vez de "reata"; no vocábulo de "festar" que é empregado querendo dizer ir à "festa" e isso tão correntemente que o sentido atribuido pelo sr. Felippe sòmente seria aceitável figuradamente. Há ainda alguns termos como "vasquero" (sic) que são tipicamente serranos, mas usadas também no litoral.

Em suma o trabalho do sr. Felippe merece ao que pensamos, os mais francos elogios desta Sub-comissão e oxalá o seu exemplo seja imitado.

A Sub-Comissão Catarinense de Folclore receberá, de bom grado, qualquer contribuição que possa interessar ao seu museu especializado, ora em organização.

Coopere para a conservação das nossas mais belas tradições, prestigiando a organização dos autos populares do ciclo de Natal e Reis.

O PIÃO

João dos Santos Arcão

Entre os divertimentos infantis de outrora, salienta-se, pelo prazer que proporcionava às crianças, o brinquedo com o pião.

Raro era o menino que deixava de levar à escola o seu pião para se distrair nas horas de recrêio, fazendo-o dansar sozinho ou em disputa com outros companheiros.

Há muitos anos os piões eram fabricados pelas próprias crianças, fazendo uso da brejauva como matéria prima.

Com o aparecimento dos piões de madeira e de folha, mais bonitos e mais elegantes, foi perdendo o cartaz o de brejauva que hoje já são bastante raros. Justamente, porisso, convem revivermos êsse instrumento de divertimento que davam às crianças não só a satisfade apresentar um pião bem acabado, de boa aparência, como capaz de dansar suave e emitir sons vibrantes o que lhe emprestavam maior valor.

A brejauva ou brejauba (ayry), nome indígena de uma palmeira nativa na zona trópical, significa madeira dura e fibra rija. Da madeira da brejauva fazem-se as bengalas muito apreciadas pela originalidade de sua aparência e as suas folhas são semelhantes as do tecum. Produz cachos de coco difíceis de se apanhar devido à quantidade de espinhos que possue. O fruto é conhecido pelo mesmo nome da planta, sofrendo uma corruptela no meio infantil, que o denomina bejauva. Tanto a carne (endocarpo)como a água da brejauva são bastante saborosas, motivo pelo qual não fazem falta nas feiras do interior.

É dessa fruta que a garotada faz o seu pião, escolhendo do cacho quais as que possuem as formas perfeitamente regulares, capazes de oferecer um bonito trabalho.

Uma vez escolhido o fruto predileto, reparte-se a casca em duas partes: uma, a que vai ser limpa e a outra, que vai formar a coroa. A parte limpa, a maior, é raspada com vidro; da outra apenas tira-se a casca, deixando com a cor natural para oferecer contraste. No

limite das duas partes faz-se um furo redondo, mais ou menos de oito a dez milímetros de diametro, e, a um centímetro da ponta, cava-se um pouco, circulando-o. O furo serve para se fazer a limpeza interna do fruto e para provocar o som característicos dos piões e o escavado da ponta para sustentar as voltas da fieira. Com um pedaço de arame recurvado na ponta pode-se tirar muito da carne do fruto, porem, é sempre preferível colocar junto a um formigueiro para que a limpeza seja perfeita.

Feito isso, e seca a parte córnea (mesocarpo), bastante resistente, o pião está em condições de ser experimentado.

É aí que começa a parte do brinquedo propriamente dito, pois a feitura do pião é morosa e exige técnica.

Quando pela primeira vez o garoto ouve o zunido do seu pião, dando o **dó** e o **ló**, nome dado às notas dominantes das cromática decrescente provocada pela rotação do pião, o garoto sente-se satisfeito; porem, se o pião é perereca e o seu zunido não lhe oferece a música esperada, não se dá por bem pago e o remédio é recomeçar a obra em busca de melhores resultados.

Um outro mais antigo do que o pião feito com a brejauva é o fabricado com pequenos porongos ou cabaça. Como êsses frutos são mais bojudos e menos resistentes, era preciso colocar no centro um suporte de madeira roliço, devidamente rematado, servindo para fortalecer o conjunto, enrolar a fieira e de ponteiro para o pião dansar.

Esses piões não eram impulsionados como os outros e, sim, por meio de um pedaço de táboa fina tendo numa das extremidades um furo por onde passava o fio, servindo, tambem, de guia.

Para se fazer dansar o pião, segurava-se com a mão esquerda a taboinha e o pé do pião e, com a direita puxava-se violentamente o cordel enrolado no pino central do pião, atravez do buraco feito na madeira. Conforme a velocidade impressa, assim o zunido provocado pelo furo feito no bojo do porongo.

Como se vê, êsses brinquedos traziam o sabor educativo, pois, o trabalho que eles requeriam eram um excelente exercício manual, hoje tão preconizado pela escola que procura no adextramento da mão dar maiores perspectivas aos que se vão tornar adultos.

Foi, talvez., pela dificuldade encontrada no seu manejo que necessitava perseverança e disposição, que não mais foi usado o pião de cabaça e o de brejauva.

Na época da velocidade o que mais as crianças desejam são os brinquedos de faceis manejos e de resultados imediatos. Entretanto procurando reviver uma das nossas tradições, o fazemos para recordar aquele pedaço da nossa vida que já se encobriu na curva do horizonte,

CORRESPONDÊNCIA

Herminio Milis — Porto-União: Recebemos a sua carta e muito esperamos da sua atividade. Os números 2 e 3 do Boletim estão sendo distribuidos agora.

Dr. Placido Gomes — Joinvile — Anotamos a sua comunicação. Neste número vai publicada mais uma colaboração do ilustre companheiro. Queira envia-nos novas produções sobre o folclore joinvilense.

Sebastião Neves — Lajes. — Aguardamos o cumprimento da sua promessa.

NECROLOGIA

JOÃO JOSÉ DE SOUSA MEDEIROS

Já se achava quase concluida a composição do presente Boletim quando recebemos a infausta notícia do falecimento em Blumenau do nosso amigo e correspondente, Farmacêutico João José de Sousa Medeiros, o decano dos jornalistas Catarinenses.

Participando a lutuosa ocorrência aos nossos confrades, apresentamos à sua Exma. Família as nossas condolências.

AVISO

O próximo número do Boletim circulará em junho. Esperamos ter em mãos as colaborações prometidas até o mês de maio.

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Representantes no Município

Zona do Litoral de São Francisco do Sul

Araguá do Sul — Jefferson Davis de Paula.
Joinvile — Plácido Olímpio de Oliveira, Norberto Bachmann e Plácido Gomes.
São Francisco do Sul — Francisco Machado de Souza e Manuel Deodoro de Carvalho.

Zona do Litoral de Florianópolis

Nova Trento — Romeu Boiteux Piazza.
Palhoça — Lupércio Lopes e Abílio Bossle — (Sto. Amaro da Imperatriz).
São José — Octaviano Ramos.

Zona do Litoral de Laguna

Araranguá — Pe. João Reitz.
Imaruí — Montesuma Guarani de Carvalho.
Laguna — Ruben Ulisséa.
Tubarão — Neusa Nunes.
Urussanga — Carlos Blumemberg.

Zona da Bacia do Itajaí

Blumenau — Orlando Ferreira de Melo, Paula Malta Ferraz, Frej Ermendoefer e Osias Guimarães.
Ibirama — Victor Mendes e José da Luz Fontes.
Indaial — Teobaldo Costa Jamundá.
Itajaí — José Medeiros Vieira, Nerêu Corrêa e Norberto Silveira Júnior.

Zona do Planalto de Canoinhas

Pôrto União — Hermínio Millis.

Zona dos Campos de Lajes

Campos Novos — Rogério Fagundes.
Curitibanos — Walter Tenório Cavalcanti e Euclides José Felipe.
Lajes — Mário Souza, Sebastião Neves, Danilo Tiago de Castro e Trajano Souza.

Zona de Joaçaba

Caçador — Antônio Lúcio e Cid Gonzaga.

SUB-COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Relação dos membros existentes em 1950:

Nomes	Endereço
Oswaldo R. Cabral, (Secretário Geral)	R. Esteves Júnior, 138
Almiro Caldeira de Andrade, (Secretário)	Av. Hercílio Luz, 127
Altino Flores	R. Feliciano Nunes Pires
Alvaro Tolentino de Souza	R. Vidal Ramos
Antônio Nunes Varela	R. José Jaques, 4
Antônio Taulois de Mesquita	R. Esteves Júnior
Aroldo Carneiro de Carvalho	Assembléia Legislativa
Aroldo Caldeira	R. Brigadeiro Silva Paes
Bento Aguido Vieira	R. Crispim Mira, 89
Carlos da Costa Pereira	R. Anita Garibaldi
Carlos Büchler Júnior	Dep. de Geogr. e Geologia
Custódio de Campos	Av. Mauro Ramos
Doralécio Soares	Imprensa Oficial
Elpídio Barbosa	Av. Hercílio Luz, 131
Henrique da Silva Fontes	Av. Trompowsky, 14
Henrique Stodieck	R. Saldanho Marinho, 30
Hermes Guedes da Fonseca	Assembléia Legislativa
Ildefonso Juvenal	R. Bocaiuva, 214
João dos Santos Areão	R. D. Jaime Câmara, 11
João Crisóstomo de Paiva	R. 24 de Maio, 467 — Estreito
João A. Sena	R. D. Jaime Câmara, 37
José Cordeiro	R. Rafael Bandeira, 55 A
Martinho de Haro	R. Altamiro Guimarães
Manoel Soares de Azevedo Maia	R. Conselheiro Mafra, 93
Osvaldo F. de Melo (filho)	Travessa Urussanga, 6
Othon d'Eça	Av. Mauro Ramos, 129
Plínio Franzoni Júnior	R. Delminda Silveira, 173
Pedro José Bosco	Rua Lajes, 60
Roberto Lacerda	Dep. Estadual de Estatística
Victor A. Peludo Júnior	Dep. de Geogr. e Cartografia
Walter Piazza	R. Tte. Silveira, 35
Wilmar Dias	R. Esteves Júnior, 47

NO PRÓXIMO NÚMERO:

— O Departamento Estadual de Estatística reiniciará a publicação dos magistrais inquéritos que vem procedendo em todo o Estado através dos seus dedicados agentes.

— Colaborações de Dr. Plácido Gomes (Joinvile), Euclides J. Felipe (Curitibanos), Walter Piazza (Nova Trento), Ildefonso Juvenal (Florianópolis), além de outras que nos estão prometidas.

— Serão publicados os resumos das atas das reuniões da Sub-Comissão havidas no 1º semestre de 1950.

Queira acusar o recebimento do Boletim Trimestral, afim de continuar a recebê-lo.
Retifique o endereço, se errado.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO DE
SANTA CATARINA - FLORIANÓPOLIS 1950